



ARQUIMEMÓRIA 6
SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

O FILME AQUARIUS E A PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA CIDADE NO BRASIL; A QUESTÃO DO HABITAR E SEUS PADRÕES IMPOSTOS PELO MERCADO IMOBILIÁRIO

LA PELÍCULA AQUARIUS Y LA PRODUCCIÓN Y REPRODUCCIÓN DE LA CIUDAD EN BRASIL; EL TEMA DE LA VIVIENDA Y SUS ESTÁNDARES IMPUESTOS POR EL MERCADO INMOBILIARIO

THE FILM AQUARIUS AND THE PRODUCTION AND REPRODUCTION OF THE CITY IN BRAZIL; THE ISSUE OF HOUSING AND ITS STANDARDS IMPOSED BY THE REAL ESTATE MARKET

Indicação do eixo temático: Eixo1 - Patrimônio, democracia e direitos humanos - Patrimônio e direito à cidade

Pedro da Luz Moreira

Doutor, EAU-UFF PPGAU-UFF and daluzmoreira.pedro@gmail.com ou pedroluz@id.uff.br

Resumo:

O artigo apresentado pretende discutir e problematizar, a partir das referências edilícias do Filme Aquarius, a ideologia hegemônica da “Boa Cidade” e do “Bem Viver” na sociedade brasileira contemporânea, as manipulações do gosto habitacional governadas por interesses das construtoras e imobiliárias que operacionalizam o mercado da terra urbana no Brasil, e, aquilo que seriam os interesses comuns das cidades e das organizações da sociedade civil. A discussão apresentada se estende para o debate do que seria a atividade de plano e projeto na sociedade brasileira, ações inerentes ao campo da arquitetura e do urbanismo que precisam ser ressignificadas como garantia da previsibilidade. Garantia de diversidades de hipóteses de plano e projeto, que poderiam produzir um direito de escolha mais amplo no campo habitacional na tipologia multifamiliar, que efetivamente se constitui como a maior parte construída de nossas cidades.

arquimemoria6@gmail.com

Palavras-chave: Edificação Multifamiliar; Torre Residencial; Edifício de baixa altura; Bem Viver; Autonomia da Projetação.

Resumen: (negrito, itálico, arial 10, entre linhas – simples, maiúscula, parágrafo sem recuo, espaçamento – 30 pontos antes, 0 pontos depois, alinhamento justificado):

El artículo presentado pretende discutir y problematizar, a partir de las referencias constructivas de la Película Acuario, la ideología hegemónica de la "Buena Ciudad" y el "Buen Vivir" en la sociedad brasileña contemporánea, las manipulaciones del gusto habitacional regido por los intereses de las empresas constructoras e inmobiliarias que operacionalizan el mercado de suelo urbano en Brasil, y cuáles serían los intereses comunes de las ciudades y las organizaciones de la sociedad civil. La discusión presentada se



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

extiende al debate de cuál sería la actividad de planificar y proyectar en la sociedad brasileña, acciones inherentes al campo de la arquitectura y el urbanismo que necesitan ser resignificadas como garantía de previsibilidad. Garantía de diversidad de hipótesis de planes y proyectos, y reconocimiento del valor histórico de las tipologías, que podrían producir un derecho de elección más amplio en el ámbito de la vivienda en la tipología plurifamiliar, que constituye efectivamente la mayor parte construida de nuestras ciudades.

Palabras-clave: Edificio Multifamiliar; Torre Residencial; Edificio de poca altura; Buen Vivir; Autonomía de la Proyección.

Abstract: (negrito, itálico, arial 10, entre líneas – simples, maiúscula, parágrafo sem recuo, espaçamento – 30 pontos antes, 0 pontos depois, alinhamento justificado):

The article presented intends to discuss and problematize, from the building references of the Aquarius Film, the hegemonic ideology of the "Good City" and "Good Living" in contemporary Brazilian society, the manipulations of housing taste governed by the interests of construction and real estate companies that operationalize the urban land market in Brazil, and what would be the common interests of cities and civil society organizations. The discussion presented extends to the debate of what would be the activity of plan and project in Brazilian society, actions inherent to the field of architecture and urbanism that need to be resignified as a guarantee of predictability. Guarantee of diversity of plan and project hypotheses, and recognition of the historical value of typologies, which could produce a broader right of choice in the field of housing in the multifamily typology, which effectively constitutes the largest built part of our cities. Com as mesmas características do resumo em português (até 300 palavras, etc.), porém em itálico.

Keywords (título em negrito e itálico): Multifamily Building; Residential Tower; Low-rise Building; Well-being; Design Authonomy.



O FILME AQUARIUS E A PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA CIDADE NO BRASIL; A QUESTÃO DO HABITAR E SEUS PADRÕES IMPOSTOS PELO MERCADO IMOBILIÁRIO

Em 2016, o cineasta pernambucano Kleber de Mendonça Vasconcelos Filho (1968-) apresentou no Festival de Cannes, o filme *Aquarius*, que concorria a Palma de Ouro, tendo sido aclamado pela crítica e pelo público. O filme estrelado pela atriz Sonia Braga apresentava uma sensível crítica as formas hegemônicas do habitar na sociedade brasileira, e um potente testemunho de como as formas do “Bem Viver” vem sendo manipuladas pelas incorporadoras imobiliárias no país. O edifício, onde foram filmadas as cenas efetivamente existe, na mesma praia de Boa Viagem, onde o filme é ambientado, e o bairro dominado pelas elites endinheiradas de Recife, que invariavelmente vem elegendo, na cidade e em todo país, uma forma tipo de habitar oposta ao do Edifício Aquarius. O filme explora o contraste, em suas tomadas de forma quase obsessiva, mostrando, de um lado, o edifício Aquarius com apenas três pavimentos de altura, sem pilotis e a massa de torres com mais de trinta andares, que dominou a paisagem dos bairros litorâneos Brasil afora, desde a década de 70 e 80 do século XX. Importante destacar, que o edifício efetivamente existe, no mesmo bairro da Boa Viagem, e é fruto de um empreendimento de 1952, quando as incorporações de intensificação do solo urbano eram comandadas por pequenos investidores, longe dos grupos imobiliários monopolizados da atualidade. Portanto, o filme contrapõe a torre habitacional, com desenvolvimento em grande altura, àquilo que poderíamos chamar empreendimento linear de baixa altura, que estabelece com o espaço público uma mútua vigília, entre intimidade da unidade habitacional e rua. O filme narra o assédio das grandes incorporadoras imobiliárias para comprar a unidade no Edifício Aquarius da protagonista Sonia Braga, para promover, empreender e homogeneizar com a solução da torre, suprimindo o último testemunho de uma tipologia de baixo gabarito e de implantação contínua.

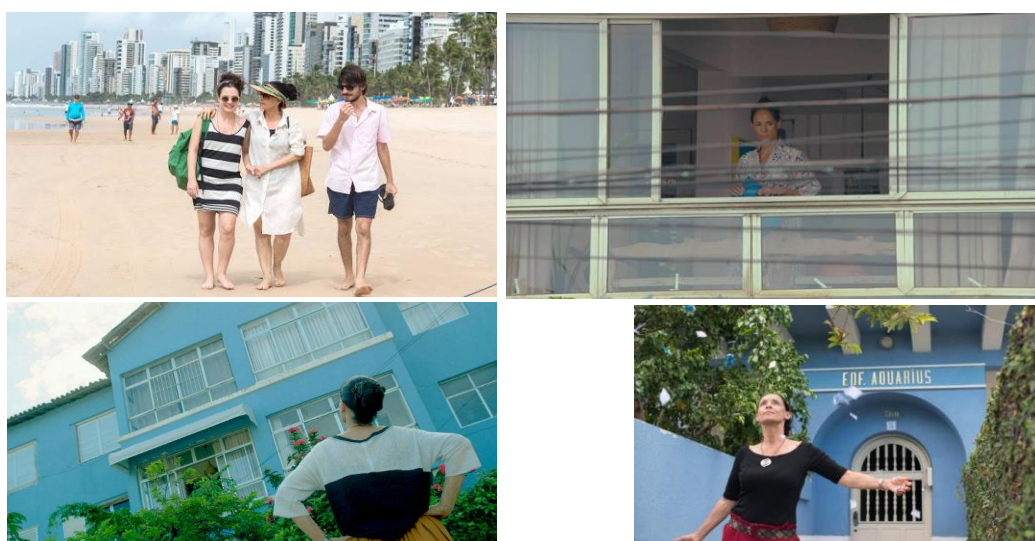


Figura 1: Conjunto de tomadas do Filme *Aquarius*, que assinalam o contraste entre a tipologia das torres e a implantação linear de baixa altura do Edifício Aquarius no bairro de Boa Viagem em Recife, na qual são mostradas a mútua vigília entre a esfera pública e privada.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

O artigo aqui apresentado pretende discutir e problematizar, a partir das referências edilícias do Filme Aquarius, a ideologia hegemônica do “Bem Viver” na sociedade brasileira, as manipulações do gosto habitacional frente a interesses que operacionalizam o mercado da terra urbana no Brasil, e, aquilo que seriam os interesses comuns da sociedade civil organizada. Nessa questão, a arquitetura habitacional representa um papel fundamental ao articular o ambiente construído e os benefícios naturais, bem como reforça fronteiras de classe e distorções contextuais. Além disso, o uso habitacional se constitui como a massa construída mais expressiva de nossas cidade, e portanto capacitada a mudar a face exclusivista e ostentatória de nossas cidades elitizadas, contraposta a imensos bolsões de pobreza e precariedade. De forma genérica, a área da preservação e conservação do nosso patrimônio construído tem se pautado por cuidar mais da monumentalidade, desdenhando do contínuo da habitação, que por ser majoritário, acaba por se constituir como a ambiência determinante de contínuos da cidade brasileira. É claro que nos parece determinante, muito mais que a mera questão cultural do morar, aqui mencionado, uma certa “economia política do espaço”¹ determinada por processos de urbanização capitalista e de maximização da renda advinda dos empreendimentos imobiliários e da operacionalização da cidade capitalista. Além da mera operacionalização da cidade capitalista, talvez fosse mais correto apontar a absolutização da lógica da cidade capitalista, onde claramente o morar não é encarado como um direito, mas como uma mera mercadoria. Considera-se importante refletir sobre as consequências para a ambiência urbana promovida pela hegemonia da tipologia da torre nas cidades brasileiras, particularmente no que se refere a segurança e a vida das ruas, onde claramente parece estar suprimida a rica interação entre esfera privada e pública tão destacada pelo filme, na tipologia de baixo gabarito com implantação linear. Inclusive, porque a materialização do empreendimento linear de baixo gabarito do Edifício Aquarius foi também fruto de operação de intensificação do uso do solo da cidade, transformando um terreno vazio ou uma habitação unifamiliar em condomínio multifamiliar. Importante também mencionar, que a mesma tipologia edilícia é encontrada em várias outras cidades brasileiras, mostrando nos que a intensificação do uso do solo urbano já gerou uma ambiência mais amistosa, conforme mostram as figuras abaixo (figura 2). Quais as determinações e condicionamentos que estavam presentes anteriormente, e que não se apresentam nos

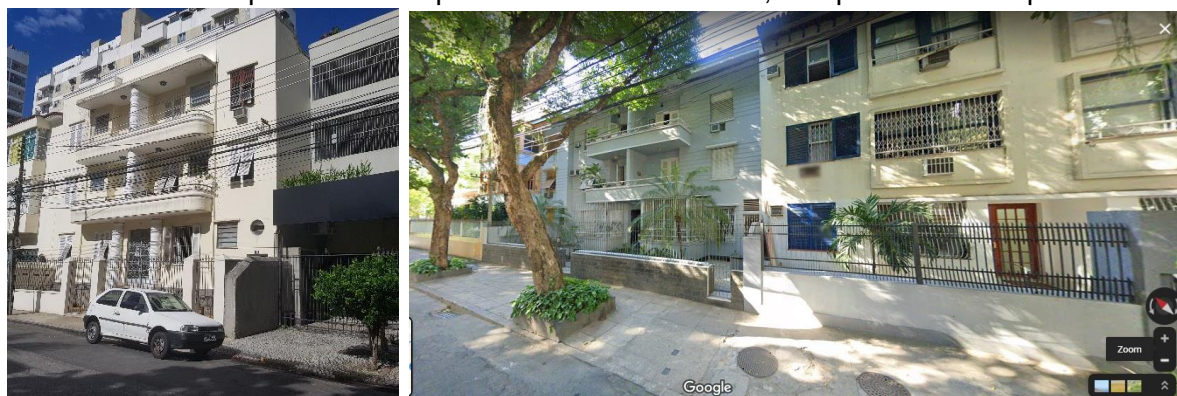


Figura 2: Edifícios com tipologia análoga ao Edifício Aquarius, localizados no Rio de Janeiro, que também podem ser encontrados em outras cidades brasileiras, fruto de uma intensificação do solo urbano menos predatória, que a da “Torre”.

¹ A expressão “economia política do espaço” é utilizada por CUTHBERT 2021, pág.30 e ao longo de todo livro para qualificar a produção de formas e soluções arquitetônicas e urbanas extremamente vinculada aos processos e determinações econômico e sociais.



ARQUIMEMÓRIA 6 SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

empreendimentos contemporâneos, que demonstram uma clara preferência, nas áreas mais ricas, do desenvolvimento em torre?

A questão envolve o âmbito da projeção, o reconhecimento de um valor de preservação e conservação de nosso patrimônio construído, bem como uma estratégia para estruturar uma política habitacional livre da pressão dos grandes grupos monopolistas, que hoje parecem dominar as iniciativas na cidade brasileira. Não se trata aqui, é claro da eleição de uma única tipologia edilícia, que deveria homogeneizar o território da cidade brasileira, mas sim preservar sua existência, entender os fatores que a geraram e entender as consequências para a ambiência do espaço urbano, celebrando a pulverização dos investimentos e não sua concentração. Uma cidade com grande vitalidade pode e deve oferecer aos seus habitantes uma variedade tipológica, que espelhe a diversidade presente em seu próprio seio, declinando de procedimentos exclusivos e investindo fortemente na ampliação inclusiva de seus membros. A tipologia da torre celebra a descontinuidade, a exceção, a diferenciação, o distanciamento do solo urbano, enquanto a tipologia do empreendimento linear de baixa altura celebra a continuidade, a indiferenciação, a proximidade com a ambiência da rua. Remete-se aqui a defesa promovida pelo Dr. Lucio Costa para a definição do gabarito das superquadras em Brasília – Pilotis, mais seis pavimentos – com o argumento de que essa escala permitia o chamamento das novas gerações para a hora do lanche, isto é; “ela se mantinha na escala do grito materno”. Importante também aqui valorar, enquanto sociedade civil organizada, o que devemos preservar e avaliar como patrimônio construído a ser preservado², dando visibilidade a uma opção de morar, que nos parece mais sintonizada com uma série de demandas da cidade brasileira, tais como; maior segurança, maior interação entre esfera privada e pública, busca de maior equidade.

“Odeio os indiferentes [...] acredito que viver significa tomar partido. Não podem existir os apenas homens estranhos à cidade. Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão, e partidário. Indiferença é abulia, parasitismo, covardia, não é vida. Por isso odeio os indiferentes.” GRAMSCI 1999, pág.24

AUTONOMIA E HETERONOMIA NO PLANO E NA PROJETAÇÃO, A RECOMPOSIÇÃO UTÓPICA E A AMPLIAÇÃO DA TRANSPARÊNCIA NO PLANO E PROJETO:

Desde a década de setenta, com os estudos de MARTIN e MARCH 1972, sobre o espaço urbano e sua estrutura sabe-se que, a qualidade ambiental atingida é muito maior com a adoção da solução “implantação contínua”, do que com a “torre”. E, mais a torre não garante a maior densidade, por trás do culto aos arranha céus há certos pressupostos ideológicos, que influenciaram a adoção dessa tipologia nas economias capitalistas e também nas do socialismo real³.

² O professor de literatura da UFRGS, FISCHER 2022, pág.104, aponta uma celebração desmesurada de nosso patrimônio barroco e modernista, em detrimento do ecletismo e do proto-modernismo, que representavam grande parte do patrimônio construído de nossas cidades no início do século XX; “O patinho feio era o chamado ecletismo, que era “apenas” a marca do grosso das cidades brasileiras dos séculos XIX e começo do século XX, quer dizer, a marca do Brasil, em geral, entre o tempo do Barroco e o tempo do modernismo.”

³ Interessante destacar, que o culto a tipologia da “Torre” também esteve presente nas economias do socialismo real, particularmente no período stalinista do pós segunda guerra. Cidades, como Varsóvia se referem ao Palácio da Ciência e da Cultura em seu centro, e denominam a torre como uma das oito irmãs de Stálin, junto com o Centro Soyus (não construído) ou o Ministérios das Relações Exteriores e a edificação da Universidade de Moscou, que procuravam demonstrar que a nova economia era também capaz de realizar tecnicamente o “arranha céu” Estadunidense.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

“No mundo ocidental, a teoria econômica neoclássica tem influência marcante ao dirigir a operacionalização dos mercados de terra urbana, implementada por meio das políticas de planejamento e do mecanismo de “renda” (Lamarche 1976). Nesse sistema, a arquitetura é fundamental ao articular a estrutura do ambiente construído e ao direcionar os benefícios ambientais, bem como reforçar as fronteiras de classe e patologias contextuais... Leslie Martin usa o grid de Manhattan para demonstrar seu argumento de que a eficiência espacial é inversamente proporcional à altura da construção, dados os princípios básicos do desenho urbano (planejamento do perímetro)... Tomando o pavilhão como forma básica, ele demonstra que a antiforma (ou o molde invertido do pavilhão-torre) fornece a mesma forma construída para 1/3 da altura do edifício... Ele então aplica a forma básica à grelha urbana de Manhattan, ilustrando não só que torres de 21 andares poderiam ser substituídas por edifícios de 8 andares, mas que cada pátio poderia conter uma área verde central equivalente a Washington Square.” CUTHBERT 2021, págs. 181 e 184

Há muito que a objetividade produtivista luta pela captura da projeção e do planejamento, o gerenciamento e as metodologias de desenvolvimento de planos e projetos ficam presas ao desenvolvimento comportado e mediocrizante, soterrando as aspirações, desejos e promessas dos agentes envolvidos em nome do cumprimento de uma meta, que ao final perde substância, e frustra expectativas. Em nosso tempo, há um claro achatamento do horizonte utópico, bloqueando as possibilidades de transformação, determinando um comportamento inercial, que apenas reproduz o incremento do lucro, em detrimento da qualidade de vida e da urbanidade. Há uma clara restrição às hipóteses utópicas que o plano e o projeto pode levantar, restringindo e nos condenando a reproduzir sempre a mesma cidade. Tal situação, re emerge no mundo das ideias, a partir do final da década de setenta e início dos anos oitenta, com a chegada ao poder de Thatcher (1979) e Reagan (1981), que passam a negar a possibilidade da previsibilidade, desdenhando do plano e do projeto, absolutizando a instabilidade do mercado. Desenvolve-se uma enorme desregulamentação do capital, o Welfare State ou Estado de Bem Estar Social desmorona, uma transformação que esvaziou o uso industrial e fez emergir um contínuo de serviços financeiros e especulativos, que passaram a representar no mundo anglo saxão, um terço do emprego disponível. Inicia-se uma forte hegemonia do capital financeiro no mundo. Em 9 de novembro de 1989 cai o muro de Berlim, que dividia a Alemanha em dois, e o mundo da Guerra Fria das duas superpotências apresenta sinais de esgotamento. Em meados dos anos 1990 o advento da internet e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) lançam para a humanidade a possibilidade de acessar um amplo acervo de informações, que determinam uma imensa dispersão de energias, parecendo inviabilizar a possibilidade de construção de prioridades e consensos. A política se fragmenta numa infinidade de interesses que parecem irreconciliáveis, apontando para a impossibilidade da construção de consensos. Em 2004, a bolsa de tecnologia de Nova York, Nasdaq força os grandes conglomerados de informação, como o Goggle e Amazon a monetizar suas informações sobre seus usuários, caindo o pretense sigilo de nossas buscas para as grandes corporações monopólicas. Emerge disso tudo, uma sociedade claramente sub teorizada e super informada, com clara dispersão de suas energias questionadoras e disruptivas.

E, na verdade é esta substância utópica forjada pelo próprio processo de questionamento da espacialidade que estamos construindo - desejos, vontades de novas práticas e aspirações de novos mundos -, que nos interessa; o engendramento de uma outra existência que passa a ser compartilhado, na medida em que o plano e o projeto explicitam alternativas para serem submetidas ao crivo do interesse público. Será que a tipologia da torre, em seu isolamento individualista não deve passar a ser questionada exatamente pela investigação histórica, que localiza na tipologia do



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

Edifício Aquarius a alternativa para uma cidade mais segura e solidária, onde a esfera privada interage com o âmbito público em mútua vigília. Mas isso significa considerar as ações de Plano e Projeto como autônomas, ou intelectualmente críticas e livres das determinações impostas pelo sistema produtivo geral.

Dentro dessa mesma questão, mas igualmente complexa, está a alienação do trabalho e pelo trabalho, que envolve os mais diversos profissionais, que seguem numa reprodução repetida e pouco criativa de práticas, mesmo em atividades que cobram dos agentes inovação e novos procedimentos como no campo da arquitetura e do urbanismo. A impressão geral e compartilhada é de que se produz a novidade, para tudo continuar igual, o questionamento importante é a quem atende essa produção inusitada, mas que mantém tudo como está. Há uma distinção importante a ser feita entre pensamento conservador e progressista, àqueles que querem manter como está, e os que querem sua mudança, de um lado a manutenção do status quo, e de outro seu revolucionamento. Na sociedade brasileira, os que clamam pela promoção de uma exclusividade restrita, e os que lutam pela inclusão de parcelas expressivas da população, com melhor equidade de renda. De um lado, a absolutização do Direito de Propriedade, como um valor natural dotado de uma racionalidade instrumental produtivista. Do outro, a relativização do Direito de Propriedade, conferindo mais importância ao Direito à Vida, à reprodução e manutenção da existência digna, regulando a propriedade em benefício de todos. Um princípio geral vem fazendo a diferença no Brasil nos últimos anos, entre o campo progressista e o conservador, e tudo indica que continuará na nossa agenda, que é a busca por uma sociedade com maior equidade, ou melhor distribuição de renda. De uma maneira geral, o senso comum da sociedade brasileira não identifica nas atribuições dos governos, federal, estadual ou municipal, uma estruturação do espaço construído do território, nas cidades e no campo, uma capacidade para promover ou induzir uma melhor distribuição de renda. De uma maneira geral, o brasileiro considera que a promoção de maior equidade em nossa sociedade é fruto apenas de políticas nas áreas da habitação, da saúde, da educação, da cultura, do saneamento, da mobilidade social, etc de forma desvinculada do território, da espacialidade das cidades e das áreas rurais. Nossa ordenação espacial não é só fruto de uma sociedade dividida e partida por interesses de classe, mas também mantenedora de uma situação bloqueadora de oportunidades e benefícios para as classes menos privilegiadas. A preferência pela tipologia da torre denota a atuação de grupos monopolizados, que concentram a iniciativa dos empreendimentos habitacionais.

A política urbana e de ocupação territorial do país podem ser fatores de promoção de oportunidades de geração de renda, de pulverização das oportunidades de se apropriar do adensamento urbano e de transformação social, pois a ordenação espacial pode superar a exclusão gerando inclusão e pertencimento. Nosso espaço citadino denota a excepcionalidade da riqueza, enfatizada pela descontinuidade da torre, em contraposição a continuidade e indiferenciação do contínuo da baixa altura. A mentalidade, que parece ainda operar em nossa macro política é a do recém falecido ex ministro da economia Delfim Neto, na época da decretação da Ditadura Civil e Militar de 1964, de que “era necessário primeiro fazer o bolo crescer, para depois dividi-lo”. Como se, a premissa de inclusão social e da promoção de oportunidades para a população brasileira determinasse um bloqueio do desenvolvimento econômico do país. Trata-se de um grande equívoco, uma vez que a qualidade espacial da cidade pode representar uma apropriação indireta de renda para parcela significativa da população, impulsionando o desenvolvimento. Nosso desenvolvimento econômico seguiu aquilo que muitos teóricos identificam como o “modelo prussiano” ou autoritário⁴, típico de

⁴ COUTINHO, 1980 VIANNA 1997 apontam a tendência no Brasil de modernizações operadas pelas elites, sem inclusão de nossa população, como “modelo prussiano”.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

países de chegada tardia ao desenvolvimento capitalista, que pregam um acordo restrito a suas elites, sem a participação popular. Essa gerência conservadora da territorialidade da cidade gerou concentração de renda, e a concentração dos monopólios nos empreendimentos imobiliários, bloqueando a participação mais ampla. A política urbana deve ser encarada como produtora de equidade, pois o desenvolvimento citadino invariavelmente é determinado por investimentos públicos vultuosos, combinados com uma apropriação privada desses benefícios, por parte dos donos da terra urbana. A cidade brasileira espelha isso em seu território de forma emblemática.

Aqui há também necessidade de reflexão sobre o momento doutrinário e o momento manual ou operacional de se pensar o vir-a-ser, a distinção dos dois momentos não significa a perda de correlação, mas sua representação integral, onde decisão e ato correspondem a uma interpretação histórica plena e consciente. A projeção precisa voltar a ser encarada como problematizadora dos anseios de uma sociedade, e não mais como mera resolução mecânica de demandas de grupos sociais específicos. A humanização da previsibilidade, que as ações de plano e projeto envolvem, só será possível quando leva-se em consideração o interesse público geral, que demanda uma maior democratização de como estamos construindo nossas cidades. Desde o século XV, no renascimento italiano e mesmo na Idade Média tardia era esse o debate entre as artes liberais e mecânicas, onde a consciência do agir se articulava com a leitura histórica do processo humano geral. Alberti, por exemplo sempre mencionou a necessidade de vigilância social intensa daquilo que se deveria construir, que deveria ter como premissa os interesses da res pública, a coisa pública, os anseios das cidades-estados dos seu tempo. Tais questões povoam, por exemplo, o Tratado de *Re Aedificatoria* de Leon Battisti Alberti (1404-1472), que fustiga a questão da auto determinação coletiva dos povos, a partir do plano e do projeto.

"Dera-se conta de que aqueles fatos rompiam a tradicional relação existente entre o momento doutrinário e o momento operacional e manual da arte; não havia mais continuidade, e sim distinção e correlação de dois níveis, o da idealização, ou da teoria, e o da prática. Entre os dois momentos, existe a mesma relação que, no agir "histórico", há entre a decisão e o ato, uma relação pela qual o ato não tem valor a não ser que dependa de uma decisão da mente, assim como, a decisão não tem valor a não ser que se cumpra no ato. Explica-se, assim o propósito albertiano de trazer a arte de volta a mimese clássica; se a imitação deve ser um processo intelectual, e não apenas mecânico, é preciso que não seja cópia, mas representação, e obediência às leis, ao princípio teórico da representação como modo de conhecimento." ARGAN 1992 página 109

Seria isso ainda possível, ou uma utopia delirante? Para tal, o planejamento e a projeção precisam abandonar a indiferença e se comprometer com a política, pensada a partir do pressuposto de que ninguém deve ser deixado a margem. Antonio Gramsci, considerava a previsibilidade como um direito humano, uma condição que na verdade nos humanizava a medida que se tornava acessível a todos. Na verdade, ele considerava, àqueles que não a desfrutavam viviam sobre condições inumanas, animalizados. Realmente, a incapacidade de pensar sobre uma nova residência, um outro bairro, ou até uma outra cidade, ou mesmo uma viagem, um filho, um casamento, ou uma aposentadoria bloqueia nossa humanização, nos mantendo sem o devido desfrute da plena humanidade. O pensamento conservador tem administrado a reprodução do mesmo e do igual, do bloqueio da imaginação criativa, a partir do medo, disseminando a ideia de que somos indivíduos, famílias isoladas, lutando contra todos, reduzindo nossa consciência coletiva. Recentemente, o poeta Mia Couto escreveu um belo texto sobre o medo, em clara contraposição a esperança, dizendo nos da fomentação pelo poder instituído da disseminação dos riscos de se pensar outros mundos. A onda conservadora, que se estabeleceu no mundo recentemente trabalha exatamente



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

com o medo de outras possibilidades de existência humana; o socialismo, o comunismo, uma sociedade mais solidária e democrática devem ser desacreditadas, e mesmo criminalizadas, pelo medo ao inusitado. O medo não é um bom companheiro, quando pensamos o nosso futuro, principalmente porque o poder instituído está sempre a promover o medo em relação aos novos poderes, sejam eles; a des hierarquização da sociedade, a democracia radical, ou a busca por maior equidade. *"Para fabricar armas é necessário antes produzir inimigos"*, e não há melhor inimigo, que o desconhecido, o outro que não conhecemos, sejam "eles"; os chineses que comem crianças, Karl Marx e suas ideias, ou Paulo Freire e a pedagogia do oprimido. Há no mundo contemporâneo, uma presença imensa de dados sem sentido manipulados pelas *Big Techs*, que nos apresentam a eles a partir de interesses comerciais pouco transparentes, que só ampliam essa sensação do medo. Tal condição bloqueia o debate, caracterizando-o como fruto de movimentos sociais insatisfeitos e anti produtivos, que devem ser criminalizados.

"A invenção da propaganda dirigida por parte do Google foi pioneira em termos de sucesso financeiro, mas também assentou o alicerce de uma consequência muito maior: a descoberta e elaboração do capitalismo de vigilância. Seus negócios se caracterizam como um modelo de publicidade, e muito foi escrito acerca dos métodos de leilão automatizados do Google e outros aspectos de suas invenções no campo da publicidade on-line. Com tanta verborragia, esses desenvolvimentos são ao mesmo tempo superdescritos e subteorizados." ZUBOFF 2020 página 83

O medo, a partir do Atentado das Torres Gêmeas em Nova York, se generalizou e se oficializou o acesso às nossas privacidades, colocando nosso cotidiano mais íntimo disponível para as *Big Techs*, que os comercializam a nossa revelia de forma intensa. Nos novos negócios engendrados pelas novas tecnologias há também a presença da alienação, agora não só do trabalho, mas também de nossas buscas, desejos e interesses, que passam a ser vendidos a nossa revelia. Nos manuscritos econômico-filosóficos que foram escritos por Karl Marx (1818-1883) entre março e agosto de 1844 em Paris, portanto quando tinha apenas 26 anos, e quando o autor acabara de ser exilado da Confederação Alemã, por seus artigos no jornal *Rheinische Zeitung*, a Gazeta Renana⁵. Há nesses Manuscritos uma importante abordagem sobre questões que partem da economia política a partir de categorias dos mundos da vida, tais como; salário, ganho de capital (lucro) e renda fundiária e chegam a uma visão mais genérica e absoluta de ordem filosófica. A visão de Marx persegue a desnaturalização de práticas gerais cotidianas dos industriais, dos trabalhadores e dos proprietários de terra, que enxergam os processos de lucro, exploração do emprego e valorização de forma mecânica e natural da propriedade. Mas, que na verdade, precisavam de um arcabouço artificial de leis e normas estabelecendo as novas formas capitalistas da subjetividade, indo contra as noções de Comum e de Solidariedade, que estavam e ainda estão arraigadas em nosso senso compartilhado de justiça. A categoria da alienação é confrontada com os pensamentos de Hegel e Feuerbach, e passa a ser historicizada na sua processualidade sócio material, como trabalho onde não há mais reconhecimento do trabalhador.

"A alienação do sujeito recebe um novo trato: deixa de ser a objetivação universal e necessária (como em Hegel, que identifica objetivação com alienação) e não se

⁵ O *Rheinische Zeitung* foi um jornal de um cunho reformista e liberal, que se opunha ao autoritarismo prussiano, na cidade de Colônia. O jovem Marx escreveu textos contra a censura da imprensa, o conflito entre o arcebispado de Colônia e o governo, a legislação sobre o divórcio, a miséria dos vinhateiros do Mosela e a questão do furto de madeira naturalmente caída nas florestas recém cercadas, que haviam sido criminalizados pelas leis burguesas, que já foi comentado aqui no blog. Em outubro de 1842, Marx se transforma no editor chefe da Gazeta Renana, nesse momento o número de assinantes do jornal que era de 800, em novembro sobe para 1.800, e em dezembro para 3.400 assinaturas.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

reduz a um produto da consciência (como em Feuerbach). Se em Hegel a supressão da alienação equivale a supressão da objetivação, nos Manuscritos a objetivação só é alienação em condições históricas determinadas - nas condições próprias à existência histórica da propriedade privada (com suas conexões com a divisão do trabalho, a produção mercantil e o trabalho assalariado). Se em Feuerbach ela se mostra privilegiadamente na consciência religiosa, nos Manuscritos esta é, antes, uma dentre várias condições sócio históricas muito determinadas." NETTO 2020 página 104

Portanto, continuamos a produzir e a reproduzir a cidade de forma mecânica, sem pensar nas consequências do automatismo de nossas operações, que são comandadas por um plano-projeto que se recusa a questionar o estado das coisas. E aqui, é preciso firmar que essas condições sócio materiais não impactam apenas o trabalho braçal e mecânico, as artes mecânicas, mas também o trabalho intelectual, ou as artes liberais, que de certa forma, escapavam dos manchesterianos Marx e Engels. De acordo, com Manfredo Tafuri (1935-1994), o que era necessário era (re)historicizar os processos, formas e possibilidades do trabalho intelectual, que sempre esteve ligado às condições impostas pela evolução do desenvolvimento capitalista. Por isso, TAFURI (1985), viu na atividade de investigação histórica (que as vanguardas modernas desde o Renascimento sempre rejeitaram como uma pré-condição de seus projetos) a ferramenta mais poderosa para interrogar os efeitos do desenvolvimento capitalista sobre a agência e a atuação intelectual, dando precisão e concretude ao interesse comum. Para (re)historicizar as mentalidades intelectuais significava que o local político da luta era o pensador trabalhar a si mesmo em termos de suas qualificações, seus modos de ser especializado, sua capacidade de conectar informações e gerar formas sintéticas, em cada ciclo de produção, pois o sistema sempre definiu um novo mandato para o papel social de intelectuais. Para TAFURI (1985), tal análise deveria fornecer uma forma inevitavelmente ideológica, pois essa presença no sistema seria insuperável, fazendo da compreensão uma possibilidade sempre parcial para a ação (intelectual). Nesse sentido, é interessante observar como, hoje, as reflexões de TAFURI (1985) vêm inesperadamente (e paradoxalmente) estar muito próximas, por um lado, de slogans, como "trabalho criativo" e a sempre parcial autonomia do plano e do projeto. E, por outro lado, e de forma não mais paradoxal, para as discussões dos movimentos sociais da Itália dos anos oitenta, sobre as possibilidades de cognições do trabalho como centro dos modos de produção pós-fordistas. Mas enquanto essas posições absorveram completamente o produtivo status de conhecimento, o crítico italiano concentrou a atenção na pressão dos pontos dentro do desenvolvimento capitalista na cultura intelectual, problematizando o desenvolvimento. É impressionante as conexões levadas a cabo pelo crítico italiano, num mundo ainda não plenamente dominado pela emergência da hegemonia neo-liberal, de Thatcher e Reagan, que hoje vivemos e do qual, parece que não nos desvencilhamos.

"A utopia, portanto, não é mais do que "visão estrutural da totalidade que existe e há de existir" (MANHEIM, Karl - O pensamento conservador), transcendência do "dado" puro, "sistema de orientação tendente a romper os laços da ordem existente" para reganá-los a um nível diferente e mais elevado (a utopia, uma vez afirmada, se transforma de novo em ideologia...). Para Weber e para Mannheim, a crítica da ideologia é um dos fatores dinâmicos do desenvolvimento. Para ambos - tal como para Keynes - a única realidade individualizável é a dinâmica do desenvolvimento. A utopia de Mannheim, para além das afirmações do seu autor, é prefiguração de modelos finais e globais, no sentido da realidade dada. A "crítica ao pensamento conservador" torna-se portanto uma necessidade, um instrumento destinado a libertar o funcionamento dinâmico do sistema. A ruptura constante do equilíbrio só poderá converter-se numa "política científica", anti-ideológica, numa solução racional dos conflitos gerados pelo próprio desenvolvimento, depois de ter



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

reconhecido a inerência daqueles conflitos ao processo dialético do real." TAFURI
1985 página 43

Em 1970, Tafuri publicou o texto "*Lavoro Intellettuale e Sviluppo Capitalistico*", Trabalho Intelectual e Desenvolvimento Capitalístico, na revista *Contrapiano*, esse trabalho se converterá no capítulo 3 do livro *Projeto e Utopia*, que recebeu o título de *Ideologia e Utopia*, do qual foi tirado a citação acima. Os anos sessenta, setenta e oitenta na Itália, nos aparecem hoje como idílios utópicos frente aos avanços destruidores do neoliberalismo contemporâneo, iniciados naqueles mesmos anos, com os governos de Thatcher (1979) e Reagan (1981). O Reformismo Capitalista, na Itália daqueles anos acreditava ser possível direcionar o desenvolvimento para uma maior sustentabilidade social do sistema, associando racionalidade do plano com uma abordagem mais científica das forças produtivas. Era a domesticação do conflito de classes e a reforma dos processos produtivos do capitalismo, por exemplo no seio da Olivetti⁶, como a fábrica que se transformava num campus de elevada produção, reunindo artistas, designers, intelectuais e operários, numa possibilidade de novo humanismo social. Havia um eufórico eixo domesticador do impulso do capitalismo, que envolvia agentes e atores diferenciados como; Umberto Eco, Raniero Panzieri, Franco Fortini, Ítalo Calvino, Alberto Asor Rosa, Massimo Cacciari e o próprio Manfredo Tafuri. Todos empenhados na radicalização da democracia e perpassados por diferentes gradientes de otimismo e pessimismo, mas acreditando num novo ciclo de articulação entre o Estado de Bem Estar Social e o Capitalismo. Essa problematização foi tão radical que podemos concluir que o verdadeiro objetivo da crítica de Tafuri não era tanto o de estender ao poder, na forma tradicional da política partidária (que, no final das contas, continuou sendo o objetivo dos editores da *Revista Contropiano*), mas mais um meio de compreender, uma vontade de profundamente desemaranhar os processos históricos através dos quais o intelecto, a subjetividade real foi feita e artificialmente construída no cotidiano. Mas, Tafuri também usou a vontade de entender como o antídoto para o arquiteto e o crítico narcisismo de boas intenções, não só no âmbito arquitetônico "boudoir", mas também no ativismo social dos chamados pró arquitetos agressivos - muitos, presentes hoje - que na luta por demandas acabaram se espetacularizando. Daí seu recorrente refúgio no tempo do Renascimento na Itália, um lugar onde os homens parecem desfrutar de uma ampla visão das condições críticas de operação do trabalho intelectual, jamais reconquistado, na história humana.

"Por meio de sua intensa atividade de historicização do desenvolvimento do projeto de modernidade arquitetônica desde a Renascença até neo-avantgardê dos anos 1970, Manfredo Tafuri foi o primeiro intelectual no campo da história e crítica da arquitetura entender que não era mais possível para os intelectuais para abordar a questão das mudanças sociais e culturais provocadas por desenvolvimento capitalista de uma perspectiva externa. Na verdade, para Tafuri não havia posição externa no capitalismo, uma vez que sua a totalidade era constituída pela realidade

⁶ AURELLI 2010, num texto com o título de, *Recontextualizing Tafuri's Critique Of Ideology*, aponta as iniciativas da Olivetti, na busca de outro arranjo produtivo; "O protótipo cultural desta onda do reformismo socialista foi a afirmação de Adriano Olivetti na revista da empresa "Comunità", de uma tentativa de transformar uma fábrica em um campus cultural que elevou a produção como possível habilidade de uma sociedade socialmente sustentável e culturalmente articulada na comunidade. Olivetti envolveu não apenas gerentes, mas também artistas, designers e escritores no trabalho em sua fábrica. A intenção da Olivetti era demonstrar, por um lado, a natureza intrinsecamente racional da produção e por outro a possibilidade de um novo humanismo social baseado no desenvolvimento da indústria." (tradução minha do texto original a seguir); "The cultural prototype of this wave of socialist reformism was the affirmation of Adriano Olivetti's "Comunità," an attempt to transform a factory into a cultural campus that elevated production as the possibility of a socially sustainable and culturally articulated community. Olivetti involved not only managers but also artists, designers, and writers in the work at his plant. The intent of Olivetti was to demonstrate on the one hand the intrinsically rational nature of production and on the other the possibility of a new social humanism based on industrial development.



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

do "trabalho assalariado", que também incorporou o papel do intelectual. Consequentemente, ele entendeu que uma crítica ao capitalismo só poderia ser produzido de dentro, a partir das categorias e formas através das quais eram - conscientes ou inconscientes - mediando culturalmente os efeitos da continuação do programa capitalista produção ou participando de sua reificação. Para Tafuri, e para aqueles que influenciaram sua crítica, esta nova condição significava que qualquer discurso crítico e político precisava, antes de mais nada, ser dirigido a intelectuais como trabalhadores em vez de "outros" (trabalhadores), contradizendo a ideia de que o social e político mandato dado ao intelectual pode ser dado como certo." AURELLI 2010

Essas são questões complexas, que na verdade envolvem; alienação, objetividade, subjetividade, construção utópica compartilhada, que povoam as ações do plano e do projeto desde tempos imemoráveis. Esses debates povoaram minha tese de doutorado de 2007, que tinha como título; Projeto, Ideologia e Hegemonia; em busca de um conceito operativo para a cidade brasileira, defendida no âmbito do PROURB da FAU-UFRJ. O que me parece claro é o enorme retrocesso que sofremos nesse campo desde a emergência do neoliberalismo, as décadas de sessenta, setenta e oitenta do século XX apontavam novas possibilidades produtivas, mediadas por um profundo reformismo, que hoje aparece solapado pela ética do capitalismo único e exclusivo. Tais condições tem determinado imensos índices de concentração de renda, e uma sensação de proximidade de um desastre de escala planetária, onde o futuro das próximas gerações é colocado em risco por um desenvolvimento predatório e desagregador. O campo do plano e do projeto precisa problematizar essas questões urgentemente, do contrário estaremos caminhando para a supressão da nossa espécie. No caso aqui abordado, na temática do tema da habitação multi-familiar, destaca-se sua relevância para a constituição de nossas cidades, afinal o morar é o uso predominante em todas as cidades. Atuar sobre as hipóteses, impostas ou legitimamente eleitas, de projeto pode abrir possibilidade de se reformar a cidade de forma substancial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As complexas questões colocadas pelo filme Aquarius de Kleber Mendonça nos revela a cidade brasileira, que estamos produzindo e os efeitos dela sobre seu espaço comum, seu uso intenso e a interação entre esferas pública e íntima. Os processos capitalistas de urbanização demandam e ao mesmo tempo rechaçam a projeção e o planejamento, pois as relações sociais e de propriedade do sistema precisam de ação coletiva, mas também pretendem sempre se apropriar de forma privada de seus benefícios. O livro de AURELLI 2013, que tem como título The Project of Autonomy; Politics and Architecture within and against Capitalism (A Autonomia do Projeto; Política e Arquitetura com e contra o Capitalismo) é um testemunho sensível dessa contradição, que de certa forma comprova a necessidade de se radicalizar e ampliar os processos de decisão do projeto. Seguindo a tradição de Manfredo Tafuri e da crítica italiana dos anos sessenta, setenta e oitenta localiza-se a cidade como uma categoria política, onde se digladiam as diferentes classes e interesses para produção da "economia política do espaço", que no Brasil demonstra uma contínua incapacidade de geração de uma espacialidade não exclusiva, mas incluidora de todos. Nos anos oitenta, um intelectual brasileiro escreveu um texto ainda fundamental para as práticas sociais em curso no nosso país, A democracia como valor universal, de Carlos Nelson Coutinho. Uma reflexão que reafirmava a convergência entre ampliação e radicalização dos processos democráticos e a ampliação da melhora das condições de vida de nossa população. A espacialidade da cidade é sem dúvida um tema mobilizador de nossa população em geral, dentro dela o tema da habitação é central e essencial para a reprodução da vida humana no planeta. A ampliação dos processos decisórios



ARQUIMEMÓRIA 6

SALVADOR-BAHIA-BRASIL 2024

dentro da autonomia do plano e do projeto e da conservação de nosso patrimônio me parecem fundamentais, para se alcançar uma cidade mais justa e inclusiva, com consciência de si mesma.

REFERÊNCIAS:

ARGAN, Giulio Carlo - **História da Arte como História da Cidade** - Editora Martins Fontes São Paulo 1992

AURELLI, Pier Vittorio - **Recontextualizing Tafuri's Critique Of Ideology** - Anyone Corporation, <https://www.jstor.org/stable/41765325>

AURELLI, Pier Vittorio - **The Project of Autonomy; Politics and Architecture within and against Capitalism**- Nova York, Columbia University Press 2013

CUTHBERT, Alexander R. **Compreendendo as cidades: método em projeto urbano**, Perspectiva, São Paulo 2021

COUTINHO, Carlos Nelson Coutinho, **A democracia como valor universal**, Rio de Janeiro, Livraria Ciências Humanas 1980

FISHER, Luis Augusto, **A ideologia modernista: a Semana de 22 e sua consagração**, São Paulo, Todavia, 2022

GRAMSCI, Antonio, **Cadernos do Cárcere, Volume 1: Introdução ao estudo da filosofia; A filosofia de Benedetto Croce**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira 1999

MARTIN, Leslie e MARCH, Leon. **Urban Space and Structure** Cambridge University Press 1972

MOREIRA, Pedro da Luz, **Projeto, Ideologia e Hegemonia; em busca de um conceito operativo para a cidade brasileira**, Rio de Janeiro, Tese PROURB FAUFRJ, 2007

NETTO, José Paulo - **Karl Marx, uma biografia** - Boitempo São Paulo 2020

TAFURI, Manfredo - **Projeto e Utopia, arquitetura e desenvolvimento do capitalismo** - Editora Presença Lisboa 1985

_____, Manfredo, **Teorias e História da Arquitetura**, Lisboa, Editora Presença Martins Fontes 1979

VIANNA, Luiz Werneck, **A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil**, Rio de Janeiro, Revan, 1997

ZUBOFF, Shoshana - **A era do capitalismo de vigilância, a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder** - Editora Intrínseca Rio de Janeiro 2020
